

Três Crônicas de Jorge Tufic

PRACIFESTO LÍRICO

A palavra em direção a si mesma, ancestral e profética, raiada hoje como de um mar do futuro, a palavra que já passou por tudo, inclusive pelas constantes ameaças de substituição por outros meios, nem sempre vocálicos ou artísticos, de expressar um coágulo atravessado na garganta, essa palavra eu não troco por nenhuma outra arte cujos segredos e mistérios estão longe do meu alcance, pobre analfabeto que sou diante das teorias que estão mais para o capitalismo (ou imperialismo) da cultura, do que mesmo para a metáfora do verso.

É claro que, através da palavra atomizada, da página em branco, da cibernética ou de quantos processos mais agitaram os arredores da poesia e da literatura (divisão imposta pelo grande Ezra Pound), eu seja capaz de me inserir às audácias do concretismo (ao qual aderi abertamente nas décadas 50 e 60), ao poema-processo etc. etc. etc. Tanto posso acompanhar essas correntes e /ou movimentos da arte poética, como posso deixar algum rastro por conta de meu esforço ou de minha in/sensibilidade geométrica.

Contudo, informado ou não dos avanços ou retrocessos da poesia, uma coisa sempre me alerta e impulsiona a ficar com a palavra: é a indigência de nossos Suplementos na parte que toca à divulgação de poesia. Tudo bem que haja simplicidade, acoplagem de textos famosos, desprezo pela retórica parnasiana, mas nunca a falta de um mínimo de vocação literária.

Tudo apoiado nas barras de editoriais preocupados unicamente em não dar importância às críticas e sugestões que recebem, embora sujeitos, de tempos em tempos, ao escárnio dos leitores.

VARIAÇÕES DO POÉTICO

01- Ainda há pouco, manuseando as folhas de um álbum sentimental, pressenti que minhas mãos tocavam as cordas mais íntimas de um poema desconhecido. Esta música, no entanto, só se ouve com os dedos.

02- A gente muda não apenas ou necessariamente porque passa de uma idade para outra. As mudanças interiores, ligadas, em parte, às fases da vida, exercem também influência marcante sobre as pessoas. E quanto mais sen-

síveis, pior. Como produto desse rito os casos, porém, variam de tamanho. Thornton Wilder: "Quando uma pessoa empunha uma picareta e descobre uma rua enterrada há quatro mil anos, uma rua que um dia foi movimentada e percorrida por muitos viajantes, essa pessoa nunca mais será a mesma". O que há de humano nisto, que não seja poético?

03- Mesmo reconhecendo a crueldade e os rancores do homo sapiens, aquele que ainda acredita na existência de um substrato de bondade, antes de tudo é poeta.

04- Santo Agostinho descreu dos astrólogos ao descobrir que um rico proprietário e um pobre lavrador, nasceram no mesmo momento. Mas aquele que acredita de verdade na escritura dos astros, argumenta que os dois nasceram em lugares diferentes. E se fossem gêmeos? Um deles teria nascido primeiro, e esse fato já diverge bastante na posição dos corpos celestes. Consta, entretanto, que enquanto a ciência discute com a fé, o poeta acende o cachimbo.

05- Se Georg Cantor tivesse sido poeta, decerto não teria ficado louco: já o seria.

06- Nunca pergunte a ninguém por que um pássaro canta e se veste de penas levíssimas. O canto e as penas nada explicam do pássaro.

07- A "totalidade dos tempos" e o "universo contínuo" podem ser encontrados na obra de certos grandes poetas, cuja atualidade nunca se esgota.

08- No corpo humano o primeiro órgão que nasce é o coração, que é também o último a morrer. O mesmo acontece com a poesia, corda afetiva que nasce antes das primeiras manifestações literárias, e tudo indica que será a última a morrer.

09- Se há (ou se houve) um princípio gerador do Universo, a partícula mater que o detonou pode ser comparada ao estalo do poema. Daí porque só através da poesia - cuja "matéria" circula entre o caos e o cosmo, o eufórico e o disfórico - revela-se o desconhecido. Há, portanto, um denominador comum entre a ciência e a arte, posto que onde a ciência fracassa, começa a poesia, cujos primórdios se confundem com a religião.

10- Em *O Homem que foi Quinta-feira*, Chesterton descreve uma brigada de polícia política especializada em poesia. Evitou-se um atentado porque a polícia compreendeu o sentido de um soneto.

11- "Viva a rosa em seu rosal" (Federico Garcia Lorca).

VELEJO

Velejar não é só de barco a vela. Velejamos a nós, a partir da intenção que nos manda ir ao encontro da brisa vespéral, os pés no chão da província e a cabeça fazendo a vez daquele mastro que risca o azul de cada tarde, sempre diferente das outras.

Talvez porque tenha no sangue a vocação dos fenícios, que me fez aceitar um longo estágio na Capitania dos Portos do Amazonas, durante o qual embarquei na corveta "Angostura", mas, sobretudo, pelas minhas viagens através de universos ignotos, em questão de segundos, apenas, quase todos os dias eu me resolvo a caminhar pelo centro de Fortaleza.

Porto às vezes máquinas fotográficas, que tornam a documentar o flagelo que se aproveita do abandono das construções antigas para que tombem ao rés donde se originaram, antes mesmo que a História delas se aproxime. Sabe o leitor como um poeta se sente, ao ver-se claramente espelhado nas coisas peremptas, ainda que milhares de outros seres, também provisórios, já tenham passado por essa experiência.

No mar, a vastidão das águas conduz o viajante rumo ao desconhecido, tenha ele, ou não, os mapas das ilhas e dos continentes. Nós, contudo, já sabemos o que encontrar em nosso caminho urbano, salvo quando chove demais ou somos obrigados a deter os passos diante das enxurradas. Ou do trânsito louco.

Nas cidades, raramente deixamos de verificar que a praça tal e a rua tal continuam plantadas em seu lugar de origem. Ainda é um privilégio. Oceanos têm uma outra lógica, outros mistérios, profundamente insondáveis. E agora que o planeta começa a agitar-se, a perder sua camada de ozônio, a radiação constitui-se numa das piores ameaças para o equilíbrio das células nervosas.

Ninguém sabe ao certo quando, mas, sem dúvida, estamos indo em direção ao mais terrível desastre ambiental jamais descrito ou imaginado pelos cientistas do mundo. Neste caso, velejar ou navegar, já não será preciso. Aonde iríamos?